



INFORMATIVO do CÍRCULO de ESTUDOS LIBERTÁRIOS IDEAL PERES - CELIP/RJ
www.celip.cjb.net # CAIXA POSTAL 14.576 - CEP 22412-970 - Rio/RJ - BRASIL # e-mail: celip@bol.com.br
Reuniões do CELIP todas às terças, às 18:30 h, no IFCS/UFRJ, Lgo. de São Francisco, 1 - Centro - Rio/RJ

A Nossa Biblioteca!!!

Depois de quase 15 anos, o *Círculo de Estudos Libertários Ideal Peres* (CELIP) concretizou o antigo sonho de contar com um espaço para reunir seu acervo bibliográfico e disponibiliza-lo aos interessados. No dia 18 de novembro de 2001, data comemorativa da Insurreição Anarquista do Rio de Janeiro (1918), foi fundada a **Biblioteca Social Fábio Luz**. O novo espaço libertário e literário funciona na sede da *Fraternidade N. S. da Conceição*, antiga *Associação Baiana Beneficente*, da qual o companheiro Fábio Luz foi sócio no início do século passado. Fábio Lopes dos Santos Luz (1864-1938), nosso homenageado, era baiano de Valença, tendo chegado ao Rio de Janeiro, recém-formado em Medicina, em 1898. Nos primeiros anos do século passado, publicou os primeiros romances sociais do país (*Ideólogo* e *Os Emancipados*), foi fundador da *Universidade Popular de Ensino Livre* (1904) e, como médico, tomou à frente no combate às epidemias de febre amarela e varíola que assolavam os subúrbios miseráveis do então Distrito Federal. Colaborou com a imprensa operária e com os sindicatos livres, tendo ajudado a forjar um movimento popular forte, que se organizou e enfrentou corajosamente à repressão das ditaduras quadrienais da República Velha. No início da década de 20, fundou junto com Otílica, Carlos Dias, Florentino de Carvalho e outros, o grupo *Os Emancipados*, cujo objetivo era a propaganda anarquista, o suporte aos sindicatos revolucionários através de conferências e cursos para os operários e suas famílias, a publicação de livros e periódicos (*A Luta Social* e *Revolução Social*) e o combate pela imprensa e em debates públicos aos ataques perpetrados pelos bolchevistas e "amarelos". Mais informações sobre a trajetória deste companheiro, buscar em *Os Libertários* (Edgar Rodrigues, 1993) e na Dissertação de Mestrado "*A Palavra e a Pena: Dimensão da Militância Anarquista de Fábio Luz*", de Josely Tostes de Lima (PUC/SP - 1995), ambos disponíveis na BSFL.

A **Biblioteca Social Fábio Luz** reúne os acervos de Ideal Peres, do *Grupo Anarquista José Otílica* (GAJO) e do próprio CELIP. Sua temática dominante é o anarquismo, mas contamos também com diversos títulos sobre filosofia, história, marxismo, economia, sociologia e boa literatura. Os mais de 700 livros do acervo estão atualmente sendo fichados e organizados. A Biblioteca também possui algumas centenas de periódicos libertários (jornais, revistas, boletins) de diversos países, que recebemos regularmente. Todo este acervo já está disponível para consulta no local (Rua Torres Homem, 790; Vila Izabel), aos sábados entre 9:00 e 17:00h. O acervo precisa crescer ainda mais e, portanto, estamos aceitando a doação de livros, monografias, dissertações, teses, revistas e demais publicações cuja temática seja afim à da Biblioteca. O material pode ser entregue no local durante o horário de funcionamento ou enviado para a Cx. Postal 14.576; CEP 22412-970; Rio de Janeiro/RJ. Caso alguém, morador da Região Metropolitana do RJ, queira fazer uma doação e não tenha condições de entregá-la, entre em contato que poderemos ir buscá-la. O e-mail da BSFL é: bsfabiuluz@ig.com.br.

Militantes libertários, simpatizantes da causa, interessados no tema...apareçam, colaborem, participem!! Vamos lutar pela construção e consolidação de mais este espaço libertário!

Encontro Nacional da Pró-Resistência Popular

Rio de Janeiro, de 9 a 12 de fevereiro de 2002

A Resistência Popular é uma corrente política que ainda está buscando sua construção nacional. Está formada em quatro estados do Brasil, tendo ainda grupos Pró-RP em outros dois Estados. Embora os princípios da RP sejam os mesmos, em cada Estado a corrente se apresenta com características próprias, inclusive na sua estrutura e funcionamento.

A autonomia local é uma característica da RP, que apenas uma vez por ano organiza um encontro nacional, aberto a convidados e a todos os que se interessarem pelas temáticas tratadas no evento. Nesse encontro, a cada ano, estamos expondo materiais, idéias e preocupações com o intuito de, no futuro, conseguirmos construir com mais firmeza uma corrente nacional, mais madura e com uma organização sólida, mais preparada para as tarefas que ela demanda.

O nome *Encontro Pró-RP*, portanto, não significa a reunião apenas de militantes e participantes dessa corrente. Muito pelo contrário! Ainda não nos consideramos como uma corrente nacional propriamente dita, e esses encontros servem para o amadurecimento interno da discussão para essa possível construção nacional e para ouvirmos, falarmos, convenceremos e sermos convencidos por todos os indivíduos e grupos que, como nós, estão insatisfeitos com a sociedade em que vivemos, tendo como proposta a construção de um socialismo com liberdade e a efetivação do poder popular.

O *Encontro Pró-RP* tem a característica de um espaço para a troca de experiências entre grupos, organizações, movimentos e indivíduos que tenham alguma experiência de inserção social. Entendemos como inserção a atuação política através de um trabalho de base construído cotidianamente, com aqueles que não constituem a "direção" dos movimentos populares, estabelecido numa base local coordenado e/ou vinculado com um projeto global.

É um encontro aberto a todos que se interessem pela discussão. Não temos como objetivo o simples aprofundamento teórico acerca das alternativas de luta, e sim a apresentação das que estão sendo usadas no cotidiano das organizações de esquerda. Nos propomos a apresentar e discutir como, na prática, estão sendo e podem ser estas experiências desenvolvidas na nossa militância e na dos demais participantes.

O encontro será realizado durante o Carnaval de 2002, entre os dias 9 e 12 de fevereiro no Estado do Rio de Janeiro. A organização e a divulgação do evento está sob responsabilidade da *Resistência Popular do Rio de Janeiro*, sendo todos as RP's estaduais (ou núcleos Pró-RP) também responsáveis pela divulgação em seus Estados e regiões.

A pauta e regimento interno do encontro estão disponíveis e serão enviados a partir de 5 de janeiro pela RP-RJ aos interessados que a solicitarem.

Endereço de contato: RP-RJ; Cx. Postal 15.001, CEP 20115-970; Rio de Janeiro/RJ.

E-mail: rprij@mailbr.com.br

Pág. Eletrônica: <http://www.errepeerrejota.hpg.com.br>

Escreva para obter mais informações sobre as RP's e/ou sobre este Encontro!

**"Quem se curva aos poderosos mostra
a bunda aos oprimidos"**

Frase de pára-choque de caminhão

AS BOCAS

ARGENTINA: Só sobrou o futebol... e agora o jogo é nas ruas!

As mobilizações populares que ocorreram entre 19 e 21 de dezembro de 2001 na Argentina (e que seguem 2002 adentro), poderiam ter sido o ensaio de uma **revolução social**. Se os companheiros anarquistas daquele país tivessem maior peso nas assembléias populares que se formaram na periferia de Buenos Aires, e aí conseguido trabalhar melhor idéias como: *Todo o poder nas mãos de conselhos populares*— o movimento aparentemente “espontâneo” de desobediência civil da população poderia ter transformado aquele momento em que o Estado Argentino estava acéfalo, sem rumo institucional definido e, portanto, sem poder político (apenas repressivo), num marco histórico para os movimentos populares no mundo, coincidindo com a entrada no novo milênio.

A Argentina, ao invés de acordar sob o comando de mais um populista de direita, um peronista de merda (o atual é Duhalde, ex-governador da província de Buenos Aires), despertaria para uma ordem popular com conselhos autogestionários e federados. Aí sim, o povo argentino poderia começar a sair do enorme buraco que o Estado, os capitalistas e o FMI enfiaram a nação vizinha. Nesse cenário, o povo oprimido do país *hermano* poderia ter aprofundado o duplo poder, como fez nas madrugadas quando fecharam às ruas de acesso e puseram milícias em alguns bairros operários para enfrentar as “*bandas de servicios*”, grupos de provocadores ordenados pelo SIDE (*Servicio de Inteligencia e Defensa do Estado*) para realizar saques e roubos. Os momentos de duplo poder das assembléias populares, motivados por questões de interesse imediato e social, já constituem um bom sinal da maturidade política de uma parcela significativa dos trabalhadores argentinos. Se fosse um processo de maior avanço na luta de classes, fatalmente uma situação revolucionária estaria configurada hoje na Argentina. Mesmo assim, a realidade de combate é muito positiva, estando o povo mobilizado e alerta, levando para a Capital Federal os níveis de enfrentamento já existentes há mais de uma década no norte (Jujuy e Tucumán) e no sul (a Patagônia de tantas glórias e lutas) do país.

Economicamente, a Argentina é um país cheio de potencialidades, sendo auto-suficiente em petróleo; não tendo problema com falta de energia elétrica; possuindo abundantes recursos hídricos e grandes extensões de solos férteis (com agricultura e pecuária poderosas), bem como uma população com níveis de escolaridade muito superiores à média da América Latina (praticamente sem analfabetos e com escolarização média de 2º grau). Além disso, seu território tem um ótimo tamanho (não é pequeno nem grande) e a população é 5 vezes menor que a do Brasil.

Com todas essas vantagens, como a Argentina foi levada ao caos em que se encontra? É muito simples, a Argentina seguiu na última década todo o receituário neoliberal ditado pelas nações capitalistas desenvolvidas, através do Fundo Monetário Internacional (FMI).

O Super-Ministro Cavallo (o “fenomenal” economista que já derrubou dois governos equatorianos e um argentino com seus “planos mágicos”) tornou-se o queridinho do FMI, um “exemplo” a ser seguido em todas as nações latino-americanas. Muito bem, a Argentina se escancarou para o mercado externo,

deu liberdade para entrada e saída de capitais de sua economia e fixou o câmbio ao dólar durante uma década. O inteligente povo argentino, que produziu grandes economistas até para a CEPAL (a linha básica do reformismo econômico latino-americano; a famosa “teoria da dependência” veio daí) não merecia uma saída escapista medíocre como essa. No início, quando o Estado Argentino conseguia se endividar sem maiores problemas de insolvência, tudo foi maravilhoso: capitais externos entraram em profusão para comprar as estatais argentinas (atualmente, só falta privatizar a Polícia, pois o resto foi todo vendido) e se beneficiar daquela liberdade de lucrar e tirar do país a grana sem dificuldade ou ônus. A longo prazo, essa opção econômica foi fatal, pois a Argentina “se esqueceu” de alinhar planos para sua agricultura, indústria, comércio (incluindo aqui a exportação), perdeu a possibilidade de fazer política monetária e muito pouco poderia fazer com relação aos juros. Quando se deu conta, essa “desatenção” com a economia real (agricultura, indústria e comércio) e a falta de liquidez haviam levado o país à estagnação. Se avolumava, então, um grande rombo anual em suas contas correntes, que apresentam compromissos anuais da ordem de US\$ 14 bilhões de serviços (pagamento de juros) de sua dívida externa, que hoje supera os US\$ 130 bilhões. Para piorar, o país não podia tentar compensar isso com algum superávit comercial, pois o produto argentino atrelado ao dólar era caríssimo. Como consequência, as agências de classificação de risco começaram a rebaixar os papéis argentinos.

O país, que não conseguia mais captar recursos, a não ser em troca de juros extorsivos (agiotagem internacional), afundava cada vez mais no pântano que tinha se metido. Some-se a isso um Estado que tinha que perseguir o déficit zero por exigência dos credores internacionais (os quais não estão interessados na situação do país e de seu povo, mas apenas no retorno de seu dinheiro), e que reforçava essa tendência à recessão ao cortar seus gastos.

Pronto, como se diz no interior (do Brasil): “óia a merda feita!” Com a administração subserviente de De la Rúa, que apenas completou a caçada de Menén, os geniais doutores em economia levaram a Argentina à bancarrota.

E agora, quando o “bom aluno” está em dificuldades por ter feito direitinho os deveres de casa, o “professor FMI” diz que a não é culpa dele e abandona a Argentina à própria sorte. E talvez seja melhor assim. O país tem condições de restabelecer uma condição digna para seu povo, mas duvidamos se isto será possível dentro do modo capitalista de produção. De qualquer forma, só sobrou para a Argentina a opção de se fechar, olhar para si e desenvolver um projeto nacional para sua economia, abandonando a louca aventura da economia globalizada.

Para finalizar, um fato verdadeiro, mas triste. Nos últimos 4 anos o único produto de exportação que a Argentina estava conseguindo emplacar no mercado internacional eram os seus jogadores de futebol, que temos de reconhecer (mesmo a contragosto...), são ótimos. Falando nisso, é importante lembrar que com a economia quebrada e os índices de emprego e produtividade lá em baixo, os níveis de luta da população só vem crescendo há pelo menos 5 anos. E assim como os excelentes jogadores de futebol, a galera está há mais de dois meses na rua, com a mesma raça e talento, encarando o aparato repressivo (este sim intacto e convicto de sua função).

Com panelaços ou pedradas, as *puebladas de 2001* foram na melhor tradição argentina desde os levantes dos *gauchos* do século XIX (as primeiras *montoneras*), as greves de orientação anarquista, a Patagônia rebelde, os sindicatos combativos, a heróica geração dos anos 60 e 70 (como no *Cordobazo*) e os *estallidos sociales* dos anos 80. Que o heróico povo argentino e suas assembléias populares sejam exemplos e motivações para os movimentos populares de toda a América Latina!

Los tres amigos (Rio de Janeiro/RJ)

Assinatura anual de apoio (seis exemplares - R\$ 7,00);
pacote de 10 *Liberas* (R\$ 3,00);

solicite a nova tabela de publicações à venda.

Depósitos: Bradesco - Ag. 0026-4 - c/c: 240.765-5 - a/c
Renato Ramos. Envie comprovante de depósito para o
CELIP (Aceitamos selos, dinheiro ou cheque nominal)

Tiragem: 2.000 exemplares.

Os textos assinados não necessariamente refletem a opinião
do Coletivo Editorial do CELIP.

FÓRUM DO ANARQUISMO ORGANIZADO

"O socialismo será livre em absoluto ou não será, isso é que justifica a existência do anarquismo"

Noam Chomsky

Se você ficou curioso não estranhe, este fórum ainda não existe. Na verdade esta convocatória que você lê agora é o primeiro passo para construí-lo e não pretendemos e nem poderíamos fazer isso isolados.

Mas qual é a idéia? É muito simples, construir um fórum de discussão entre os anarquistas que trabalham ou tem a intenção de trabalhar de maneira organizada e atuando socialmente. Não se trata de construir nada apressadamente e sem maturidade, mas sim de aproximar indivíduos, grupos, coletivos e organizações que tenham este desejo e sintam esta necessidade. Qual futuro isso terá é algo que somente responderemos com o tempo e de maneira coletiva.

Vivemos um momento em que o anarquismo retoma seu vigor e volta a ser discutido. Observamos no Brasil e no mundo o anarquismo presente de várias formas nas lutas sociais. Exemplos disso são os protestos anti-capitalistas por todo o mundo e a presença cada vez mais forte dos anarquistas nas lutas de nossa classe, de nosso povo. Estes fatos evidenciam que vivemos um novo momento no meio libertário.

Ao mesmo tempo persistem visões distorcidas sobre o que é o anarquismo, sempre alimentadas pela mídia, pela burguesia e facilitando o trabalho da repressão e jogando o anarquismo no descrédito para uma boa parcela de nossa população. Pensamos que é hora de iniciar uma discussão mais vigorosa e regular no meio anarquista com aqueles que pretendem se organizar como anarquistas e atuar socialmente. Uma discussão que não seja uma mera troca de idéias e informes, e nem um estéril debate acadêmico.

Queremos acumular uma discussão, esclarecer pontos de vista, nos entender e avançar. Queremos desde já traçar, dentro dos limites concretos que temos, alguma forma de atuação conjunta, mesmo que pontual.

Neste momento dois pontos nos parecem fundamentais para demarcar um campo fora do qual dificilmente conseguiremos avançar: organização e atuação social. Não estamos propondo nenhum modelo único, pensamos que existem várias formas de se organizar a atuar socialmente e que todos devem trazer sua experiência para a discussão. Dizemos isso francamente porque o meio anarquista é bastante amplo e diverso, mas existem idéias de muitos que rejeitam a noção de organização e atuação social, aí fica impossível a gente fazer qualquer coisa de mais sólida em conjunto. Vamos então falar um pouco sobre o que pensamos destes eixos.

Organização

"Nós já o repetimos: sem organização, livre ou imposta, não pode existir sociedade; sem organização consciente e desejada, não pode haver nem liberdade, nem garantia de que os interesses daqueles que vivem em sociedade sejam respeitados. E quem não se organiza, quem não procura a cooperação dos outros e não oferece a sua, em condições de reciprocidade e de solidariedade, põe-se necessariamente em estado de inferioridade e permanece uma engrenagem inconsciente no mecanismo social que outros acionam a seu modo, e em sua vantagem."

Errico Malatesta (1897)

Como vemos esta é uma questão muito antiga no meio anarquista, há mais de cem anos Malatesta já abordava o tema. Por mais que nos pareça uma questão simples ainda há muita confusão a respeito e tem muita gente que sinceramente pensa que anarquismo é contra qualquer forma de organização, que isso seria burocracia, autoritarismo, etc.

Isso é compreensível, afinal de contas os modelos de organização concretos que as pessoas conheceram (tipo partidos autoritários e centralizados) não animam ninguém a pensar no tema. Mas é necessário romper com isso, perceber que estas foram apenas uma das formas de organização na história e que o anarquismo sempre teve outras formas de organização, horizontais, participativas, federativas. Já é hora da nossa necessidade de se organizar superar o medo de se burocratizar.

Discutir organização hoje em dia não é somente uma questão de retomar a história do anarquismo, mas sobretudo uma necessidade real. Diante de um sistema articulado, bem informado e com capacidade operativa não podemos ficar atomizados:

"Permanecer isolado, agindo ou querendo agir cada um por sua conta, sem se entender com os outros, sem preparar-se, sem enfileirar as fracas forças dos isolados, significa condenar-se à fraqueza, desperdiçar sua energia em pequenos atos ineficazes, perder rapidamente a fé no objetivo e cair na completa inanição." (Malatesta, 1897)

Com organização se evita o isolamento, a fraqueza, a frustração e o ceticismo em que muitos caem depois de não atingirem os objetivos desejados. A organização multiplica nossas forças, nos permite se prevenir e defender diante da repressão - por sinal cada vez mais forte - e torna real a solidariedade tantas vezes apenas escrita e falada.

Atuação social

"(...) favorecer as organizações populares de todo tipo é a consequência lógica de nossas idéias fundamentais e, assim, deveria fazer parte integrante de nosso programa."

Errico Malatesta (1897)

O anarquismo é composto por uma diversidade de correntes, isso é uma verdade. Mas também é verdade que nem todas elas se dispõem a trabalhar junto a nossa classe, nosso povo. Historicamente tivemos momentos de presença anarquista muito forte na Ucrânia com a Makhnovitschina, na Revolução Espanhola, Revolução Mexicana, com o sindicalismo revolucionário por toda a América latina, isso para não falar de inúmeras outras experiências. Em todos estes casos, que são referência - ao menos teórica - para todos os anarquistas, existiram anarquistas organizados, com postura classista e com atuação social decidida.

Vivemos uma época em que a miséria se aprofunda cada vez mais, o abismo entre as classes é maior hoje do que há cem anos. 85% da população mundial é pobre ou miserável. Somente no Brasil existem 52 milhões de pessoas que vivem abaixo da linha da miséria. As manifestações desta miséria são brutais e estão aí para quem quiser ver. Não perdemos a capacidade de nos indignar, de nos revoltar diante destas agressões permanentes, "não ficaremos na nossa" ou "cada um na sua", até porque sofremos com esta realidade.

Pensamos que o anarquismo tem algo a dizer sobre esta realidade. Pensamos que o anarquismo tem propostas para esta realidade, que ele vive nesta realidade e não fechado em ambientes seguros e distantes.

Os anarquistas tem exercido diversas formas de atuação. Mantêm relações entre si, publicam boletins e zines, promovem encontros libertários, colocam páginas na internet, editam livros, criam canais de informação alternativos, etc. Tudo isso é importante e necessário. Mas será que temos dado a devida atenção a um tipo de militância que é na verdade a fundamental: a atuação social junto aos movimentos populares, nos bairros, escolas, universidades, espaços de trabalhos etc?

Sabemos que existem anarquistas que já fazem isso de várias formas, mas sinceramente pensamos que é pouco. Pensamos que todas as atividades de contatos, publicações, encontros, livros se enriqueceriam muito se estivessem articuladas com uma atuação social por parte dos anarquistas.

Por isso tudo pensamos que neste momento é fundamental discutir como os anarquistas podem atuar socialmente, que relações se estabeleçam entre os anarquistas e os movimentos sociais, que tipos de atuação seriam mais ou menos interessantes etc. Sobre tudo pensamos que os anarquistas não farão a revolução sozinhos, e que se não tivermos uma militância nas lutas de nossa classe não teremos chance alguma.

Para seguirmos...

Para que todo esta discussão seja ampliada propomos um encontro nacional e nos dispomos a sediá-lo. Estamos apenas dando um pontapé inicial na coisa e sinceramente não esperamos construir este encontro sozinhos. Esperamos que outros venham a se somar, contribuam com a construção. Abaixo fizemos uma sugestão de pauta, data e local. Há tempo suficiente para esta proposta circular. Queremos que isso seja entendido assim: como uma simples sugestão, aberta a modificações na medida em que existam novas contribuições.

Pauta:

1 - Apresentação dos grupos, coletivos, organizações e indivíduos presentes

2 - Anarquismo e organização

3 - O anarquismo nos movimentos sociais

4 - Balanço do encontro

Data: 30 de maio a 2 de junho de 2002

Local: Belém do Pará

Para participar: entrar em contato com *Federação Anarquista Ca-bocla (FACA)* até o dia 28 de fevereiro de 2002. Não serão aceitos indivíduos e grupos que não tenham entrado em contato antecipadamente.

Endereços para contato:

e-mail: faca.pa@bol.com.br

Caixa Postal: 1206; CEP 66017-970; Belém/PA

Organizar para lutar, Lutar para organizar!

Quando os de baixo se movem, Os de cima caem!

Se não há justiça para os pobres,

Que não haja paz para os ricos!

Uma proposta do Laboratório de Estudos Libertários para a rearticulação de um anarquismo militante no Brasil, e para a intensificação da Propaganda

Apresentação

Aos companheiros e companheiras Anarquistas comprometidos com a construção de um processo revolucionário de teor libertário no Brasil de hoje.

Em primeiro lugar gostaríamos de deixar bem claro que, enquanto anarquista, não nos consideramos um grupo distinto e alheio ao povo oprimido de nosso país e, nem vítimas infelizes da história. Não: somos parte do nosso povo, e devemos tomar parte em suas lutas, em nossas lutas. Entendemos que é chegado o momento de o anarquismo, enquanto matriz ideológica e método de organização da luta popular, voltar a ocupar o seu devido lugar na história, ou seja, na linha de frente da resistência e das lutas, contribuindo cotidiana e comprometidamente com a retomada da construção da Revolução Brasileira, buscando imprimir aí um caráter explicitamente socialista e libertário. Muito temos a fazer, companheiros e companheiras; a miséria social não pára de avançar, portanto, mãos à obra.

O mundo e o Brasil de hoje: Qual é o nosso papel?

Entramos decididamente num novo século e num novo milênio em que a esperança se torna uma necessidade tão concreta para oprimidos, quanto um prato de comida ou um teto sobre a cabeça.

A opressão, a violência e a desigualdade avançam numa velocidade assustadora, alimentando-se mutuamente. Impulsionada pelos arautos do caos - Banco Mundial, FMI, OMC e etc - a miséria dos povos latino-americanos e demais povos da periferia do capitalismo continua sustentando a ostentação do imperialismo do norte. Por outro lado, se o Capital avança, também avança a resistência, e na sua linha de frente os libertários e libertárias. Diante da perplexidade dos bolcheviques que assistem a queda do seu "castelo de cartas" - do seu projeto de ditadura universal, os libertários e libertárias colocam-se mais uma vez no seu devido lugar na história dos povos.

O movimento zapatista no México, a partir de 1994, mostra ao mundo sua cara encapuzada, seus fuzis e seu projeto de democracia direta comunitária indígena. Estabelece-se o marco de um amplo reerguimento do socialismo libertário. Com suas bandeiras vermelhas e negras, desde o México até o Uruguai, de Seattle até São Paulo, o anarquismo volta a assumir seu papel histórico na dianteira da construção do Poder Popular.

No Brasil, a crise social se agrava com o avanço do projeto neoliberal que, na verdade, não passa da continuidade do modelo político e econômico que a mesma elite dominante e a milicada fascista impôs à população a partir de 64. O desemprego se amplia e o nosso povo se concentra cada vez mais nas periferias das grandes cidades, de norte a sul do país; desorganizado e acossado pela violência do aparato policial e do crime organizado, ainda conseguimos demonstrar, mesmo que isoladamente, manifestações de indignação e resistência.

Conexão Ruptura

Partindo do princípio de que se faz necessária e urgente a retomada do processo de inserção do anarquismo no interior das lutas populares, e pensando este processo não simplesmente como uma opção de vida, mas como um dever histórico de nossa ideologia com a construção concreta do processo revolucionário de libertação popular; diversos grupos e coletivos anarquistas de vários lugares passam a formular estratégias e metodologias para a retomada deste processo.

Desde o início da década de 90 grupos e coletivos anarquistas brasileiros, a partir de contatos estabelecidos com a *Federação Anarquista Uruguia* - organização política especificista do anarquismo daquele país, que está em atividade desde 1936 impulsionando o avanço do Poder Popular, inclusive pela via armada durante a década de 70 - passam a formular estratégias para a inserção do anarquismo no cotidiano das lutas populares de nosso país. A *Resistência Popular* - enquanto corrente política aberta, plural e de base - e o *Laboratório de Estudos Libertários*, são frutos deste processo de mais de uma década no estado do Rio de Janeiro.

Em vários estados do país, o anarquismo enquanto força política orga-

nizada e militante, vem sendo um elemento presente no interior de diversos movimentos populares, lutando para imprimir-lhes um caráter combativo, autogestionário e revolucionário. Percebemos hoje um intenso florescimento de grupos anarquistas pelo país, muitos deles vêm superando a concepção do anarquismo puramente comportamentalista ou sectário e buscando canais concretos de voltar a fazer do anarquismo uma ferramenta de libertação popular. Na verdade, estas concepções comportamentalista ou sectária, expressam a ideologia da derrota, reivindicando como virtude do movimento anarquista, o isolamento de nossa ideologia em relação às lutas populares, imposto pelo fascismo do Estado Novo de Vargas ainda na década de 30.

Nós do *Laboratório de Estudos Libertários*, somos um coletivo de propaganda anarquista nascido da prática militante no interior de movimentos populares tais como: movimentos de sem-teto, movimento estudantil, movimentos comunitários, entre outros, desta forma, temos como objetivo a elaboração e reprodução de um instrumental teórico que atenda às necessidades de coletividades e indivíduos anarquistas que estão ou busquem estar inseridos concretamente no processo de construção do Poder Popular em nosso país.

Lança-se agora uma nova proposta. Partindo da necessidade de inserir o anarquismo organizado novamente na luta popular, observando o surgimento de inúmeros grupos anarquistas pelo país e constatando a dificuldade da maioria deles em produzir propaganda regularmente, propomos a construção da *Conexão Ruptura*. Resgatando a prática dos comitês de correspondência do anarquismo europeu do século XIX, a *Conexão Ruptura* é uma rede de coletividades anarquistas que distribuem a *Revista Ruptura*, contribuem com a sua elaboração e buscam atuar junto às lutas populares de suas localidades.

Estamos convidando os nosso correspondentes e distribuidores a constituirmos um vínculo político, para além da relação entre produtor e distribuidor de propaganda. Acreditamos que cada núcleo de distribuição da *Revista Ruptura* possa também produzir boletins locais, além de contribuir com a emissão regular de informação a respeito do anarquismo militante e da luta popular em sua localidade, para tornarmos a *Revista Ruptura*, um instrumento mais plural e abrangente para os anarquistas brasileiros. Hoje já existem núcleos da *Conexão Ruptura* nos estados de São Paulo, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul e Pará, queremos ampliar esta rede no sentido de apontar para a consolidação de uma alternativa libertária concreta em nosso país.

Organização

- Núcleos com no mínimo 2 pessoas (para garantir o caráter de coletividades)

- Promover a distribuição da *Revista Ruptura* a nível local

- Contribuir regularmente com a elaboração da *Revista Ruptura* enviando informes sobre o anarquismo militante e a luta popular da localidade (cidade, estado, região metropolitana, etc)

Obs: A *Revista Ruptura* pode também ser distribuída por qualquer indivíduo ou coletivo, mesmo que não faça parte da *Conexão Ruptura*.

VIVA A ANARQUIA!!!

MOÇÃO DE APOIO

O CELIP e o *Libera...* saúdam tod@s @s participantes das Jornadas Anarquistas contra a Globalização Capitalista, reunidos em Porto Alegre entre 31/01 e 05/02/2002. Temos a certeza de que este importante evento irá alavancar ainda mais o processo de construção de uma alternativa libertária forte, orgânica e ativa na luta dos oprimidos contra o Estado e a dominação capitalista. Saudamos especialmente à *Federação Anarquista Gaúcha* (FAG), organizadora dessas Jornadas. **Saúde e Anarquia!**

ENDEREÇOS LIBERTÁRIOS: CELIP/VIDEO, CP 15001, CEP 20155-910, RIO/RJ * LETRALIVRE, CP 50083, CEP 20062-970, RIO/RJ * RUPTURA/LEL, CP 4071, CEP 20001-970, RIO/RJ * CCS/SP, CP 2086, CEP 01060-970, SÃO PAULO/SP * ANA, CP 70, CEP 11525-970, CUBATÃO/SP * MLPL, CP 146, CEP 40001-970, SALVADOR/BA * APPL, CP 053, CEP 40001-970, SALVADOR/BA * NUELCA, CP 14, CEP 48000-970, ALAGOINHAS/AL * ULBS, CP 2137, CEP 11060-970, SANTOS/SP * FCL, CP 10.115, CEP 58109-970, CAMPINA GRANDE/PB * JULI, CP 308, CEP 95001-070, CAXIAS DO SUL/RS * SAT, CP 269, CEP 12460-970, CAMPOS DE JORDÃO/SP * MAP/BA, CP 185, CEP 40001-970, SALVADOR/BA * FAG, CP 5036, CEP 90041-970, PORTO ALEGRE/RS * CLG, CP 5191, CEP 74021-970, GOIÂNIA/GO * RP-SP, CP 1020, CEP 08741-970, MOGI DAS CRUZES/SP * FACA, CP 1206, CEP 66017-970, BELÉM/PA * AÇÃO ESTUDANTIL, CP 1000, CEP 78005-970, CUIABÁ/MT * RP-RJ, CP 15001, CEP 20155-970, RIO/RJ * LUTA LIBERTÁRIA, CP 11.639, CEP 05059-970, SÃO PAULO/SP * NRLAP, CP 12.888, CEP 04009-970, SP/SP * COMLUT, CP 768, CEP 13001-970, CAMPINA/SP * FL, CP 951, CEP 69010-970, MANAUS/AM.



... ANDRE MID